ena e protagonista:

representações de escrever em periódicos

Cláudia Rosa Riolfi **1**
Suelen Gregatti da Ingreja **2**

Resumo: Por meio da análise de textos jornalísticos, investigamos as representações de escrever que são construídas por periódicos. O foco foram os recursos mobilizados pelas mídias para responder à necessidade de atingir um público leitor cuja formação já não se pauta por um trabalho mais rigoroso de estudo da linguagem. Um modo de escrever fundado prioritariamente na mediação pela imagem prevaleceu. Mostramos, então, três representações de escrever: 1) pintar uma cena; 2) beneficiar-se dos recursos tecnológicos para aproximar os protagonistas do leitor; e 3) substituir o que não pode ou não deve ser dito por imagens de ressonância positiva ou negativa.

Palavras-chave: *Escrita, Imaginário, Periódicos*

Abstract: Through the analysis of newspaper's texts, we have studied the imaginary of writing that newspapers generate. We have focused on the recourses utilized by the Medias in order to answer the difficulties of writing attractive texts to a specific reader, whose education is not guided by a careful study of language any longer. It was possible to infer a way of writing in which the focus on images was prevailed over. In the end, we were able to consider three main representations of writing: 1) painting a scene; 2) using the technological resources in order to bring the main characters and the readers closer; and 3) substituting what is not possible or not allowed to be said for images that can sound positive or negative.

Key-words: *Writing, Imaginary, Newspapers*

1 Psicanalista, doutora em Linguística, docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, integrante do GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise. **Contato:** riolfi@usp.br.

2 Graduada em Letras na Universidade de São Paulo, onde desenvolve iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP), com bolsa FAFE/FEUSP. **Contato:** sue_igreja@yahoo.com.br.

Introdução

No presente trabalho, inserido na linha investigativa que vimos desenvolvendo no *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise - GEPPEP*, buscamos compreender as representações de escrever que são construídas pelos textos jornalísticos. Para tal fim, tomamos textos publicados nos jornais *Folha de São Paulo* e *Folha Online*, coletados num período de três meses, como objeto de análise.

A seguinte pergunta norteou a tessitura do texto que ora apresentamos: considerando-se a ampla circulação de textos publicados pela mídia impressa (em especial, mas não exclusivamente, os veiculados nos meios on-line), que imagem de escrever pode vir a se tornar socialmente hegemônica?

Esclarecermos preliminarmente que o foco de nosso estudo não é o texto publicado pela mídia em si, mas sim, os potenciais efeitos de sua existência. Interessa-nos tentar compreender que recursos estão sendo mobilizados pelas mídias para responder à necessidade de atingir um público leitor cuja formação vem se distanciando de um trabalho mais rigoroso com a linguagem.

O pano de fundo da nossa investigação é a consolidação de uma representação do que é escrever que, por um lado, operando sobre o jornalista, gera tais textos e, por outro, acaba sendo gerado por sua leitura, em especial, junto aos leitores que ainda estão em busca de modelos de texto nos quais possam se inspirar para balizar o ato de escrever.

Nesse estudo, privilegiaremos, portanto, três aspectos que, a nosso ver, parecem estar sendo naturalizados na cultura a partir da circulação de textos jornalísticos: a) a ancoragem de um conteúdo qualquer em uma memória discursiva que serve como recurso de sedução ao leitor; b) o predomínio da reprodução de grandes seqüências de palavras, facilitada pelos artefatos eletrônicos utilizados para escrever e c) a utilização de meios substitutivos da sustentação argumentativa de uma tese ou opinião polêmica.

Pela inclusão da categoria “representação de escrever”

Quando se analisa uma produção textual qualquer, aquele que analisa costumeiramente se interroga a respeito dos motivos que teriam determinado a ocorrência dos temas, argumentos, arranjos lingüísticos, etc. Por que apareceu este assunto e não outro? Por que este texto foi escrito deste modo e não de outro? Trata-se de interrogações legítimas, que despertam a curiosidade do estudioso que começa a estudar a linguagem, e clamam pela construção de respostas.

Visando a construir uma resposta para elas, ao fazer uma releitura dos elementos estruturais pertencentes às condições de produção do discurso, em primeiro lugar, Pêcheux (1990) privilegia o *esquema informacional*, previamente estabelecido por Jakobson (1963:214), que reproduzimos na seqüência: ³

³ No esquema proposto por Jakobson, cada uma das letras representava um dos pólos da linguagem em uso, da seguinte maneira: “A” o destinador; “B” o destinatário; “R” o referente, “(L)”, o código lingüístico comum entre A e B; “D” a seqüência verbal emitida por A em direção a B, e, finalmente, a flecha indicava o contato estabelecido entre “A” e “B”.

Ao analisar o esquema proposto por Jakobson, Pêcheux frisa que, tal qual foi estabelecido, ele gerava uma compreensão de que “D” equivalia a uma *mensagem*, entendida como transmissão de informação. Por acreditar em uma concepção de linguagem na qual existem discursos que determinam os textos que são efetivamente realizados, ele propôs que, à concepção de transmissão de informação, fosse dada preferência à de “efeito de sentidos” (1990: 82).

Como consequência deste deslocamento teórico, Pêcheux viu-se impelido, então, a repensar a natureza de “A” e de “B” no esquema informacional. Longe de pensar que estas letras sinalizavam a presença física de seres humanos, o autor passou a postular que elas apontavam para “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (1990: 82) e, na seqüência, explicitou o modo como passou a pensar para analisar uma seqüência verbal qualquer. Em suas palavras: “Nossa hipótese é a de que esses lugares estão **representados** nos processos discursivos em que são colocados em jogo”. (1990: 82).

Refinando esta construção, o autor esclareceu, ainda, que, na teoria que vinha construindo, não se tratava da possibilidade de que o lugar (por exemplo, o de patrão, ou o de professor) funcionasse como tal no processo discursivo. Para Pêcheux, o lugar se encontra presente, mas transformado, ou, melhor dizendo

em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (1990: 82).

Posto isso, Pêcheux esclareceu que todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Essa generalização, por sua vez, redefine a noção de “referente” tal qual foi construída por Jakobson. Longe de referir a um objeto no mundo, passou a designar um “objeto imaginário”. Por este motivo, Pêcheux afirma que “a percepção é sempre atravessada pelo ‘já ouvido’ e o ‘já dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (1990: 85-6).

Partiremos da consideração da visada segundo a qual existem mecanismos de controle do dizer no interior das sociedades de discursos. Dialogando com o trabalho de Foucault (1971), Geraldi (1991) alerta para a existência de controles sociais de discursos que agem nas interações verbais. O autor postula a existência de uma “rede de controle” (1991: 67) e, visando a descrevê-la, inclui em sua reflexão o trabalho de Osakabe (1979) para circunscrever o que ele chama de “formações imaginárias presentes no discurso”. Para maiores informações, conferir os *Quadros 1* e *2*, que se seguem. (OSAKABE, op. cit: 49-50).

	Expressões designando as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” sustenta a formação imaginária correspondente
A	IA(A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	IA(B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em A	“Quem é ele para eu lhe falar assim?”
B	IB(B)	Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	IB(A)	Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em B	“Quem é ele para que ele me fale assim?”

Quadro 1: Os interlocutores e o jogo de imagens para Osakabe

Expressões designando as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja "resposta" sustenta a formação imaginária correspondente
IA(R)	"Ponto de vista" de A sobre R	"De que lhe falo eu?"
IB(R)	"Ponto de vista" de B sobre R	"De que ele me fala?"

Quadro 2: O referente e o jogo de imagens para Osakabe

O primeiro quadro, que acabamos de transcrever, tem como característica principal a consideração dos pólos daquele que escreve (notado com a letra A) e daquele que lê (notado com a letra B) para formular as questões que permitem ler as formações imaginárias. Trata-se, portanto, de levar em conta os dois extremos da interação verbal. Vejamos outra possibilidade de reflexão:

O segundo quadro, por sua vez, sem descartar os pólos já anteriormente considerados, acrescenta, ainda, o assunto sobre o qual alguém discorre (notado com a letra R). Por assim dizer, a opinião que alguém tem a respeito de um determinado assunto também determina suas escolhas lexicais, sintáticas e discursivas.

Visando a dar continuidade ao trabalho de Osakabe, e levando em consideração a crescente influência que a mídia vem exercendo na mentalidade contemporânea, queremos aqui propor um alargamento das categorias utilizadas por ele.

No *Quadro 3*, que se segue, portanto, estamos incluindo novas categorias. Elas visam a circunscrever: 1) a imagem de escrita que origina a forma tomada por um determinado texto; e 2) a imagem do que é escrever que pode ser originada a partir da reiteração pela opção pelos mesmos parâmetros norteadores com relação ao ato de escrever.

	Expressões designando as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja "resposta" sustenta a formação imaginária correspondente
A	IA(E)	Parâmetros de A para balizar E	"Como devo escrever para convencer o leitor de que meu texto é válido enquanto tal?"
B	IB(E)	Parâmetros de B para balizar sua apropriação do produto de E de A	"Como ele escreve para me convencer de que seu fornecer texto é válido enquanto tal?"

Quadro 3: A imagem do ato de escrever gerada pela mídia escrita

Observando o quadro que acabamos de propor, torna-se possível perceber que, a partir de um desdobramento dos trabalhos de Pêcheux e de seu leitor brasileiro, Osakabe, a presente reflexão desloca o foco das interrogações daqueles que nos precederam para uma dimensão não considerada por eles: a do ato de escrever em si.

Concluída esta breve defesa da inclusão da representação do que é escrever nos estudos lingüísticos que se voltam ao imaginário, torna-se possível explicitar que o objetivo específico de nossa pesquisa voltou-se para a descrição das configurações da imagem do que é escrever em dois pólos das formações imaginárias: no daquele que escreve, bem como no daquele que acaba sendo gerado por quem lê.

Posto isso, na próxima sessão mostraremos que um dos traços constitutivos da representação de escrever por parte daquele que escreve é a ancoragem de seu texto em um imaginário já socialmente consolidado.

Escrever imagens para ancorar o texto na memória afetiva

Uma investigação preliminar no *corpus* mostrou a necessidade de um grande esforço, por parte dos profissionais que escrevem em periódicos, para produzir ininterruptamente peças que correspondam à imagem de ser portadoras de notícias suficientemente relevantes para justificar o esforço da leitura. Não se trata de tarefa fácil, em especial, pela rapidez exigida para a atualização das publicações on-line.

A necessidade de coadunar a produção em velocidade máxima sem abdicar daquela de produzir textos que não pequem com relação às máximas conversacionais de Grice (1975) – em especial quando se leva em conta as máximas da relevância (seja relevante) e as da quantidade (faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessário) – demanda a utilização de recursos alternativos para a sustentação argumentativa e, mesmo, para a tessitura textual.

Para dar uma noção do grau desta dificuldade, tomemos, a título de exemplo, as chamadas publicadas na sessão “Em cima da hora”.⁴ Trata-se de uma série de manchetes – publicadas de cima pra baixo, em ordem cronológica decrescente – que dão acesso a uma notícia, quando o leitor clica sobre elas.

Dividindo o número de publicações em um período de vinte e quatro horas, podemos perceber que, em média, a cada seis minutos um novo texto é publicado. Ou seja: a equipe escreve, organiza, revisa e executa as operações necessárias para a publicação de uma lauda em pouco mais do que cinco minutos. Mesmo levando-se em conta o grande número de profissionais envolvidos no processo, percebe-se que o ritmo no qual os textos são produzidos gera a necessidade de fazer uma escolha complicada.

Das duas, uma: ou bem encontram furos de reportagem praticamente a cada minuto ou, na ausência deles, precisam criar um fato novo **por meio da escrita**. Na direção de compreender como esta tarefa é possível, é importante lembrar que, para Paul Grice (op.cit.), as máximas só funcionam por serem consensuais entre falante e ouvinte.

De fato, por meio do cotejamento dos textos coletados para compor o *corpus* do presente estudo com as máximas que vimos de nomear, depreende-se que o leitor colabora ativa e colaborativamente no sentido de construir uma superfície textual homogênea, ou seja, ele acaba compactuando da representação de escrever que sustenta o fazer do jornalista. Exemplificamos esta tendência por meio de seis notícias referentes à visita de Bush ao Brasil, todas publicados na *Folha Online*.

1 O trânsito nas ruas e avenidas onde a comitiva presidencial for passar deverá ser interditado, assim como já é feito com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A previsão é que a interdição prejudique ainda mais o tráfego na capital paulista. (Dia 06/03/2007 – 19h49)

2 A CET informou que são proibidas manifestações na avenida Paulista. A UNE (União Nacional dos Estudantes) e outras entidades programaram para amanhã, a partir das 15h, uma passeata entre a praça Oswaldo Cruz e o Masp (Museu de Arte de São Paulo). A Guarda Civil Metropolitana só permitirá manifestações na Paulista se houver autorização da Subprefeitura da Sé. (Dia 07/03/2007 – 10h57)

3 Para a segurança da primeira-dama dos Estados Unidos, Laura Bush, também serão alocados homens da 1ª Delegacia de Proteção de Dignitários da Deatur. A equipe ficará responsável pela checagem de todo o credenciamento, além de cuidar da segurança a primeira-dama. (Dia 07/03/2007 - 13h01) (sic)

4 A Polícia Civil de São Paulo disponibilizará 300 homens, 50 viaturas, uma delegacia móvel, além de seis atiradores de elite. A Polícia Militar de São Paulo aloca mil homens, 300 veículos –entre carros, motos e veículos pesados–, além de 24 cavalos para cuidar da segurança de Bush.

A PM deve ficar responsável pelo policiamento do hotel onde o americano ficará hospedado –provavelmente o Hilton, na zona oeste–, pelas visitas de agenda, e segurança dos deslocamentos e do aeroporto. (Dia 07/03/2007 - 13h01)

5 ‘Qualquer pessoa de bom senso sabe que a visita do Bush é uma fraude política. Não adianta dizer que está discutindo o etanol (...)’. (Dia 07/03/2007 - 13h12)

6 Um dos principais temas a serem discutidos entre Lula e Bush é a possível parceria entre brasileiros e americanos no setor de biocombustíveis, para a produção e exportação do etanol. (Dia 07/03/2007 - 19h39)

Tendo como mote a visita de Bush ao Brasil, cada uma das notícias trata, respectivamente: 1) dos problemas de trânsito na capital paulista; 2) das deliberações da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) de proibir manifestações para não agravar o problema de trânsito; 3) do uso de aparelhos do Estado brasileiro para a segurança da primeira-dama americana; 4) do uso de aparelhos do Estado brasileiro para a segurança do presidente americano; 5) da opinião da presidente do PSOL, Heloísa Helena (AL), a respeito da visita de Bush; 6) da pauta comercial da visita do presidente americano ao Brasil.

De seis menções, quatro foram construídas a partir de elementos não diretamente ligados ao tema central. Ou seja, há prevalência de conteúdos não diretamente relacionados aos motivos pelos quais Bush veio ao Brasil. Trata-se de fatos que são de domínio público, ou, melhor dizendo, motivo de acordo. Todos “sabem” que, em São Paulo, existem problemas de trânsito, bem como “conhecem” a existência da necessidade da montagem de um aparato de segurança para políticos internacionais.

Como apenas duas notícias remetem estritamente ao assunto principal, qual seja o motivo da visita de Bush, é possível depreender daí o papel colaborativo exercido pelo leitor que, apesar de não encontrar fatos novos, continua supondo que, se alguém escreveu um texto, deve ter algo relevante para contar.

Como a imagem de “relevância” por parte do periódico não é posta em questão pelo leitor, que continua acessando o site, uma interrogação a respeito dos recursos utilizados pelo jornal, e, conseqüentemente, a representação de escrever gerada pela mídia começa a ganhar contornos a partir da exposição destes exemplos.

Observando-se o quarto fragmento, por exemplo, percebe-se que foi montado um cenário que encontra ressonância nos filmes hollywoodianos. Os elementos utilizados para compor a notícia, 1.300 homens, 50 viaturas, uma delegacia móvel, atiradores de elite, 300 veículos (carros, motos e veículos pesados), 24 cavalos, dão a impressão de que o leitor está lendo a narração de um filme policial ou de um filme de guerra.

Trata-se aí de usar as palavras como se fossem pinceladas. Nesta modalidade de composição textual, cada significante vale como um elemento pictórico utilizado para compor uma cena. No caso aqui destacado, trata-se de uma cena que, por sua vez, se ancora em um imaginário que já obteve ampla circulação cultural por meio do cinema. Em outras palavras: uma das possíveis representações

de escrever que pode ser gerada por este tipo de escrita refere-se à ancoragem de um fato qualquer em uma imagem cheia de *glamour*.

Zoom: dispositivos para escrever rapidamente

Quais são os dispositivos para escrever que foram criados ante a necessidade para se adequar ao imperativo de gerar notícias em intervalos de tempo muito curtos? Para construir uma resposta a esta interrogação, tomaremos como objeto de análise séries de notícias publicadas a respeito do mesmo tema.

Nesta empreitada, inspira-nos a recomendação de Foucault (1995: 31) para

compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Levamos em conta, portanto, que, para o autor, “deve-se mostrar por que não poderia ser outro, em que exclui a qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar” (1995: 31).

Cumpramos ressaltar que a tentativa de ler o corpus sob a luz da recomendação foucaultiana que vimos de recomendar revelou-se tarefa bem mais complicada do que a princípio supúnhamos que ela seria. Como considerar o estatuto singular de um enunciado se o mesmo aparece da mesma forma reiteradas vezes? Em cada uma de suas reproduções, trata-se do mesmo enunciado ou basta que uma nova enunciação tenha se dado para configurar a presença de “fato novo”?

Visando a dar melhores contornos a esta questão, tornou-se necessário recorrer ao trabalho de um lingüista que tomou os processos de construção do texto falado como objeto, quais sejam: a *construção*, a *reconstrução* ou reformulação, a *descontinuação*. (CASTILHO, 1995)

Para o autor, *construção* é termo que designa o desenvolvimento do tema, por meio de tópicos e subtópicos sucessivos. Castilho ressalta que, no plano da construção do enunciado, ela se realiza por meio da articulação tema (assunto) - rema (declaração em si). *Reconstrução*, por sua vez, é o termo utilizado para designar uma volta ao que foi dito, uma espécie de anáfora discursiva cuja finalidade consiste em reiterar ou reformular os enunciados anteriores. Para Castilho, as três manifestações mais freqüentes da reconstrução são a *repetição* (reiteração de itens lexicais ou estruturas, sem alterações ou com alterações pouco significativas); a *paráfrase* (recorrência do conteúdo, com alteração na forma); e, finalmente, a *correção* (anulação ou substituição total ou parcial dos enunciados já formulados).

Por último, o autor se utiliza do termo *descontinuação* para nomear a ruptura na elaboração do texto falado. Ele esclarece que ela manifesta-se nas pausas, hesitações, anacolutos e (no plano da continuidade temática) nos segmentos parentéticos e nas digressões.

Ao lidarmos com textos jornalísticos, percebemos que as considerações de Castilho a respeito da *construção*, *reconstrução* e *descontinuação* são bastante elucidativas, uma vez que tornaram possível observar mais claramente como o jornal se articula, para que tenha condições de publicar uma nova notícia a cada 6 minutos, em média.

Conforme poderemos ver por meio da análise de um *corpus* composto pelas notícias que versavam a respeito das visitas ao Brasil do presidente norte-americano, George W. Bush, e do papa Bento 16, os momentos de *construção* são relativamente raros.

A *reconstrução* foi o dispositivo mais adotado para a produção de notícias novas, mais especificamente, por meio de um dos seguintes recursos: 1) Pela cópia exata de algum(s) trecho(s) de uma notícia anterior, para outra(s) posterior(es); 2) Pela retirada de algum(s) trecho(s) de uma notícia anterior para outra(s) posterior(es), realizando-se o corte de alguns pontos que não são mais necessários ao entendimento do texto; e, finalmente, 3) Pela retomada de algum(s) trecho(s) de uma notícia anterior para outra(s) posterior(es), fazendo uma pequena reformulação das frases.

Tentando aproximar os dispositivos que acabamos de descrever dos termos propostos por Castilho (op.cit), podemos fazer a seguinte transposição. Quando nos deparamos com uma cópia exata de algum(s) trecho(s) de uma notícia anterior, estamos ante a um caso de *repetição*. Do mesmo modo, quando nos deparamos com a republicação de uma notícia anterior na qual foi feita um corte de alguns pontos que não são mais necessários ao entendimento do texto, estamos ante a um caso de *correção*. Por fim, ao nos depararmos com a retomada de algum(s) trecho(s) de uma notícia anterior para outra(s) posterior(es), fazendo uma pequena reformulação das frases, estamos ante a um caso de *paráfrase*.

Para exemplificar a *repetição*, reproduzimos (na Tabela 1, que se segue), o segundo parágrafo da Notícia 1, o sétimo parágrafo da Notícia 2, e o sétimo parágrafo da Notícia 3.

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3
	07/03/2007 - 13h01	07/03/2007 - 19h39	08/03/2007 - 08h40
1	"Para a segurança da primei-	"Para a segurança da primei-	"Para a segurança da primei-
2	ra-dama dos Estados Unidos,	ra-dama dos Estados Unidos,	ra-dama dos Estados Unidos,
3	Laura Bush, também serão	Laura Bush, também serão	Laura Bush, também serão
4	alocados homens da 1ª dele-	alocados homens da 1ª dele-	alocados homens da 1ª dele-
5	gacia de Proteção de Digna-	gacia de Proteção de Digna-	gacia de Proteção de Digna-
6	tários da Deatur. A equipe	tários da Deatur. A equipe	tários da Deatur. A equipe
7	ficará responsável pela che-	ficará responsável pela che-	ficará responsável pela che-
8	cagem de todo o credencia-	cagem de todo o credencia-	cagem de todo o credencia-
9	mento, além de cuidar da se-	mento, além de cuidar da se-	mento, além de cuidar da se-
10	gurança a primeira-dama."	gurança a primeira-dama."	gurança a primeira-dama."
11	(grifo nosso)	(grifo nosso)	(grifo nosso)

Tabela 1: Exemplos de repetição no jornal Folha Online

Ressalte-se, neste ponto da reflexão, que a ocorrência da repetição não nos interessa isoladamente. O nosso foco é a compreensão da formação de "novas notícias" por meio da cópia de partes de uma notícia velha. Começamos pela Notícia 1. Ela é formada por um conjunto de cinco parágrafos iniciais, nos quais há conteúdos "novos" a respeito da visita de Bush, no sentido de que não haviam sido publicadas anteriormente pelo jornal. Em seguida, nesta notícia, há uma seção **5** chamada "Deslocamento", formada por dois parágrafos parafraseados de outra notícia anterior, que abordam o assunto da chegada de Bush ao Brasil.

A Notícia 2, por sua vez, é constituída por três parágrafos iniciais com informações novas. Em seguida, tem-se a seção "Segurança", com sete parágrafos parafraseados de duas notícias anteriores. Há, ainda, a seção "Deslocamento", com dois parágrafos parafraseados de uma notícia anterior (e que são diferentes dos apresentados na Notícia 1). E, por fim, encontramos a seção "Hospedagem",

5 Chamamos de seção, a parte da notícia em que existe uma seleção de informações específicas sobre o assunto que é destacado pelo jornal.

que possui o primeiro e o último parágrafos parafraseados de duas notícias anteriores, e os dois parágrafos do meio contendo informações novas.

Após um olhar mais atento sobre as notícias das quais extraímos os trechos apresentados na Tabela 1, podemos iniciar a descrição do processo de formação de notícias novas. Um dispositivo consiste em formá-las por um início no qual constam conteúdos “novos”, que são seguidos por repetições de notícias anteriores. Um exemplo deste processo é a retomada de um elemento a respeito da segurança da primeira-dama.

A primeira menção ocorreu no segundo parágrafo da Notícia 1. Já nos dois momentos em que houve repetição da informação, esta foi feita no final das notícias em que apareceram. Portanto, o que verificamos no processo de formação das publicações on-line é a manutenção de um padrão de escrita, que ora apresenta o novo, ora retoma o que já foi exposto.

É curioso notar, inclusive, que, como o processo de produção das notícias é muito rápido, a cópia foi feita de tal forma que o erro em “da segurança a primeira-dama” foi mantido nas três vezes em que o parágrafo foi publicado. Inferimos, portanto, que o mesmo excerto é reproduzido por meio do uso de algo que, no jargão dos usuários de computador, é conhecido como “*control + C + control + V*”, ou, “*recorta e cola*”. Posto isso, passamos à análise da Tabela 2, que traz exemplos de *correção*, seguida de *repetição*.

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3
	06/03/2007 - 19h49	07/03/2007 - 19h39	08/03/2007 - 08h40
1	“O Comando de Operações	“O Comando de Operações	“O Comando de Operações
2	Táticas da Polícia Federal	Táticas da Polícia Federal	Táticas da Polícia Federal
3	do Distrito Federal reforçará	do Distrito Federal reforçará	do Distrito Federal reforçará
4	a segurança em São Paulo	a segurança em São Paulo	a segurança em São Paulo
5	durante a visita do presiden-	durante a visita do presiden-	durante a visita do presiden-
6	te norte-americano, George	te norte-americano. Conhe-	te norte-americano. Conhe-
7	W. Bush, nesta semana. Co-	cida como a tropa de elite, a	cida como a tropa de elite, a
8	nhecida como a tropa de	equipe ficará na cidade du-	equipe ficará na cidade du-
9	elite, a equipe ficará na ci-	rante os dias da visita do	rante os dias da visita do
10	dade durante os dias de visi-	presidente à disposição da	presidente à disposição da
11	Ta do presidente – quinta e	PF de São Paulo.”	PF de São Paulo.”
12	sexta-feira – à disposição da	(grifos nossos)	(grifos nossos)
13	PF de São Paulo.”		
14	(grifos nossos)		

Tabela 2: Exemplos de correção seguida de repetição no jornal Folha Online

Começamos lembrando que as notícias 2 e 3 já foram analisadas quando tratamos da Tabela 1. O que cabe acrescentar é que, na Notícia 2, o excerto que selecionamos faz parte da seção “Segurança”. Além disso, na Notícia 3, o trecho por nós apresentado está nos parágrafos 8 e 9 da notícia.

A Notícia 1 é a primeira que coletamos para compor o *corpus*. Por ser a primeira publicada a respeito do tema, ela é, evidentemente, formada por informações novas, dentre as quais está o trecho aqui apresentado, que retiramos dos dois primeiros parágrafos. Foi possível observar que ele contém algumas informações que não serão reproduzidas nas notícias posteriores.

Seu corte ocorreu pelo fato de que, após um dia de relatos tematizando a visita de Bush, já era de conhecimento do leitor que o presidente norte-americano chamava-se “George W. Bush” (linhas 6 e 7), e que sua visita ocorreria “nesta semana” (linha 7), além de que os dois dias desta viagem seriam “quinta e sexta-feira” (linhas 11 e 12). Observamos, então, que a Notícia 2 consiste em uma *correção* da Notícia 1, da qual foram eliminados elementos que, com o passar do tempo, se tornaram obsoletos. A Notícia 3, por sua vez, é uma repetição daquela publicada na véspera.

Para exemplificar a *paráfrase*, reproduzimos (na Tabela 3, que se segue), o quarto parágrafo da Notícia 1; o primeiro parágrafo da seção “Deslocamento” da Notícia 2; e o segundo parágrafo da seção “Chegada” da Notícia 3.

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3
	06/03/2007 - 19h49	07/03/2007 - 13h01	08/03/2007 - 08h40
1	“O trajeto do aeroporto inter-	“O trajeto do aeroporto inter-	“O trajeto do aeroporto até o
2	nacional de Guarulhos (Gran-	nacional de Guarulhos (Gran-	hotel deve ser feito de carro
3	de São Paulo) até o hotel	de São Paulo) até o hotel	porque o Bush só usa o seu
4	- provavelmente o Hilton	deve ser feito de carro porque	helicóptero.”
5	Morumbi, zona oeste de São	Bush só usa o seu helicóp-	
6	Paulo - deve ser feito de	tero.”	
7	carro. Isso porque o presiden-		
8	te norte-americano não usa		
9	helicóptero que não for o de-		
10	le.”		

Tabela 3: Exemplos de repetição, correção e paráfrase no jornal Folha Online.

Observando-se as três ocorrências da notícia a respeito do meio de transporte que seria utilizado pelo presidente americano, que foram publicadas três dias seguidos, a primeira coisa que se destaca é o encurtamento físico do texto, que, na primeira ocorrência tem dez linhas, na segunda cinco e, por fim, quatro.

Interessou-nos, portanto, como se deu o processo de seleção dos elementos a serem mantidos em cada uma das republicações. Note-se inicialmente que, na Notícia 2, existe repetição integral do fragmento “O trajeto do aeroporto internacional de Guarulhos (Grande São Paulo) até o hotel”, das primeiras linhas da Notícia 1. Na notícia 3, por sua vez, existe uma correção, uma vez que o segmento que determina o aeroporto do qual se trata – internacional de Guarulhos (Grande São Paulo) – foi eliminado.

Do mesmo modo, as linhas 4, 5 e 6 da primeira notícia não aparecem novamente, uma vez que, por consistir em informação introduzida por um modalizador que indica incerteza “provavelmente” (linha 4) denota tratar-se, na ocasião da publicação da primeira notícia, de uma especulação: não havia, naquele momento, certeza a respeito do hotel escolhido. Ressalte-se que isso não significa que as especulações aparecem apenas uma vez. O segmento “deve ser feito de carro”, originariamente publicado às linhas 6 e 7 da Notícia 1, é repetido nos três dias.

Tendo mostrado a utilização da repetição e da correção, torna-se necessário, então, comparar os trechos que consistem nos exemplos de paráfrase propriamente dita, exemplos estes que, para maior comodidade do leitor, transcrevemos no que se segue:

1 Isso porque o presidente norte-americano não usa helicóptero que não for o dele.

2 (...) porque Bush só usa o seu helicóptero.

3 (...) porque o Bush só usa o seu helicóptero.

Na reconstrução parafrástica deste trecho houve uma variação na forma que não acrescentou informações novas. Observamos que a oração 1 é construída por meio de duas negações (“não usa” e “não for dele”). Por sua vez, as orações 2 e 3 são formadas por uma afirmação restritiva (“só usa”).

Existiu, também, uma gradual definitivização com a republicação das notícias. Na oração 1, é feita referência ao “presidente norte-americano”, que pode ser qualquer um. Na 2, esta descrição é substituída pelo nome próprio “Bush”, que, finalmente, é precedido pelo artigo definido: “o Bush”.

Compreendemos, portanto, que as retomadas parafrásticas, ao menos neste caso, produzem o que, no subtítulo desta sessão, chamamos de “efeito zoom”. As transformações lingüísticas sofridas pelas notícias a cada uma das republicações vão produzindo uma gradual intimidade do leitor com o referente, como se a própria pessoa que está sendo referida também estivesse cada vez mais presente na comunidade leitora.

Quando o dizer aponta para o que não pôde ser dito

Há assuntos que, por assim dizer, dão pano pra manga. De um fato ocorrido, desdobram-se temas periféricos, que permitem a produção de um maior número de textos. Assim sendo, parece-nos que um aspecto relevante com relação à representação de escrita que acaba sendo gerada pelo jornal refere-se ao critério de relevância, isto é, ao privilégio de determinados fatos para serem tratados em público.

A vinda do papa Bento 16 ao Brasil foi exemplar neste sentido: chamou-nos atenção a grande quantidade de menções a este respeito tanto na versão impressa quanto na on-line da *Folha de São Paulo*. Visando a iniciar uma exploração a respeito do dito e do que transparece no não-dito, partimos das manchetes publicadas em 10 de maio de 2007, no caderno Brasil, classificando-as em grupos temáticos similares.

A principal ocorrência foi a menção a temas polêmicos: o posicionamento da igreja católica com relação ao aborto (Papa defende excomunhão de políticos a favor do aborto; A hora da visita – Intenção do clero é levar o governo a aceitar algum tipo de compromisso contra a legalização do aborto no país; e Dos evangélicos ao aborto) e o posicionamento contrário à teologia da libertação por parte de Ratzinger (Igreja precisa reagir às ‘seitas’, diz papa – Bento 16 afirma que ‘hoje todos sabem’ que a Teologia da Libertação errou ao prometer que a revolução traria uma vida justa).

Foi bastante comum, também, a publicação de críticas ao papa, por meio de três recursos: a) a voz de terceiros (Para ministro, fala de religioso foi ‘descabida’); b) a descrição de atos do papa de modo a caracterizar ação moralmente condenável (Crianças, sob chuva, quase são ignoradas) e; c) a descrição da oposição popular para com o papa (A resistência a Ratzinger).

O jornal ainda pontuou eventos laterais, relacionados à vinda do papa, mas não diretamente ligados a ele (*Evento no estádio reunirá platéia escolhida a dedo; Garoto de milagre vira celebridade instantânea – Enzo, 7, nasceu após mãe tomar pílulas de frei Galvão; Peregrinos sofrem com quebra de ônibus e tédio no percurso*). Com a palavra, *Sua Santidade* é um exemplo da utilização da vinda do papa para chamar a atenção do leitor e fisgá-lo para a leitura de uma notícia não diretamente relacionada a ele. No caso, trata-se de um texto assinado por um especialista, comentando questões de linguagem.

Foram feitas comparações com o papa precedente (*João Paulo 2º beijou solo na primeira visita*), publicados documentos (*Íntegra do discurso do papa e Íntegra do discurso de Lula*), e mencionadas supostas gafes por parte de terceiros (*Lula substitui beijo no papa por aperto de mão*). Ainda ligada a terceiros, há menção de comparação das mídias (*Na guerra santa da TV, papa complica trânsito na Record e vira festa na Globo*).

Houve, também, o uso de uma forma de metonímia, em que se toma uma parte pelo todo. Ou seja, o papa não é representado como uma pessoa, mas sim, referido a partir de elementos que o constituem, e que simbolizam a igreja que ele representa: *Sucessor de Pedro Apóstolo – Papa Bento 16 ressalta seu*

papel como guardião da unidade da Igreja Católica; As roupas do papa – Traje litúrgico solene – Traje diário.

Destacaram-se, ainda, menções à rotina do visitante: *Pontífice destaca a ‘alma cristã’ da América Latina – Papa defende os valores ‘dos povos indígenas, Papa aparece por 4 minutos para 15 mil – Reunido em frente ao mosteiro de São Bento, onde o pontífice se hospeda, público recebeu-o com ‘olê, olê, olá, Bentô, Bento; e Vôo com Bento 16 tem ópera e suco de laranja.* É neste último grupo que selecionamos uma notícia paradigmática com relação ao dizer que transparece no texto sem que tenha sido explicitamente escrito, a saber:

1 Vôo com Bento 16 tem ópera e suco de laranja
2 O vôo partiu de Roma em uma manhã ensolarada de quarta-feira exatamente às 9h da Itália (4h do
3 Brasil). O papa entrou pela porta dianteira do avião. Havia quatro carros de polícia e nenhum curio-
4 so no aeroporto.
5 Duas horas depois, Bento 16 saiu do aposento preparado especialmente para ele no avião, atraves-
6 sou a primeira cortina, cruzou a segunda área, onde estavam os funcionários do Vaticano, e chegou
7 ao final do avião para conceder sua primeira visita ao Brasil: 70 jornalistas esperavam para pergun-
8 tar a ele o que, afinal, vinha fazer no país.
9 Sorridente e vestido de branco, o papa respondeu a todas as 13 perguntas que lhe foram dirigidas
10 durante 25 minutos. Falou sempre em italiano, com ar professoral, mesmo quando a questão era co-
11 locada em outros idiomas.
12 A língua, aliás, foi o único fator capaz de lhe tirar o ar de segurança. Ele, que fala dez idiomas e fa-
13 rá 12 discursos em português no Estado de São Paulo, não entendeu uma pergunta feita em portu-
14 guês por um jornalista. Apenas sorriu curto, balançou a cabeça e pediu ao assessor de imprensa que
15 lhe fizesse a tradução.
16 Fora isso, as 12 horas de viagem com o papa se resumiram a muita comida. O Boeing 777-200
17 adaptado – e repleto de brasões pontifícios presentes em cardápios e almofadas – se transformou
18 em um grande restaurante aéreo, onde se podia escutar ópera, e apenas ópera, durante todo o tempo
19 no sistema de som. Mas podia-se conversar comendo. No “aeropapa”, ao preço de 20 dólares por
20 minuto, era possível ligar para qualquer parte do mundo.
21 Segundo a Allitalia, companhia responsável pela viagem, o cardápio e a intensidade do serviço fo-
22 ram os mesmos para Bento 16 e para os repórteres presentes no vôo. Basicamente: vinho, suco de
23 laranja, presunto italiano e queijos. Entre cada refeição, eram oferecidos sorvetes, chocolates, ca-
24 fés, sanduíches, minipizzas.
25 Pela manhã, suco de laranja, frutas, croissant e um sanduíche com presunto italiano. Durante o al-
26 moço, vinhos, lasanha com alcachofra e mussarela com goiabada. Para a refeição principal: carne
27 de novilho com risoto milanês ou filé de peixe rombo com batata e vagem na manteiga. De sobre-
28 mesa, casca de pão recheada com framboesa. Chocolate e gelatina à tarde. Antes do pouso, presun-
29 to com queijo cambert. E muito suco de laranja, a bebida preferida de Bento 16.
30 Leandro Beguoci

Em uma leitura superficial, podemos dividir o texto que acabamos de transcrever em dois grandes grupos temáticos. O primeiro constitui-se de informações gerais, que abarcam os detalhes sobre o vôo, o avião, os passos dados pelo papa e a entrevista aos jornalistas (linhas 2 a 15). O outro plano se refere à descrição exaustiva dos pratos servidos ao longo da viagem do papa Bento 16 ao Brasil (linhas 16 a 29).

No início do texto, o recurso da descrição destaca-se. De novo, estamos confrontados com o uso de palavras para gerar uma cena. Podemos fechar os olhos e imaginar o homem “Sorridente e vestido de branco” (linha 09) entrando “pela porta dianteira do avião” (linha 3) “em uma manhã ensolarada de quarta-feira” (linha 2). O clima paradisíaco se reforça pela ausência de curiosos no aeroporto (linhas 3 e 4). O quadro que nos é dado a ver tampona, por assim dizer, o que não pode ser dito: o motivo pelo qual esta viagem foi realizada.

Posteriormente, relatou-se que os jornalistas fizeram treze perguntas ao papa. Nas linhas 08 e 09, é salientado o grande número de jornalistas (setenta) que, no Brasil, “esperavam para perguntar a ele o que, afinal, vinha fazer no país.” Não é explicitamente dito, em qualquer parte do texto, que o personagem com “ar professoral” (linha 10) e “ar de segurança” (linha 12) ignorou a questão, entretanto, não é possível encontrar qualquer encaminhamento de resposta até o fim do texto.

Um leitor ingênuo poderia pensar, inclusive, que, o articulista se perdeu ao redigir o seu texto uma vez que, neste ponto, existe uma transição brusca e

aparentemente inexplicável. Abandonando completamente a possibilidade de especular a respeito dos motivos da visita, a linha 16 traz uma quebra brusca na progressão temática; “Fora isso, as 12 horas de viagem com o papa se resumiram a muita comida”.

Segue-se novamente a predominância de recursos descritivos.

Entretanto, o cenário inocente e idílico do começo do texto é substituído por outro, no qual predominam a ostentação do luxo e a gula. Começa-se pela própria descrição do avião, adaptado para se tornar “*repleto de brasões pontifícios presentes em cardápios e almofadas*” (linha 17) e se transformar “*em um grande restaurante aéreo, onde se podia escutar ópera, e apenas ópera, durante todo o tempo no sistema de som*” (linhas 17 a 19). Neste luxuoso restaurante aéreo, na parte final do texto o homem pacífico e sorridente se transforma em um praticante do pecado da gula.

Pensamos poder postular, portanto, que o detalhamento “exagerado” tais como os horários; a música; a comida servida etc., presta-se para veicular um posicionamento crítico com relação à presença do papa no Brasil, sem a necessidade de ferir a suscetibilidades dos leitores a quem, de algum modo, este posicionamento teria desagradado. Mais uma vez, portanto, por meio da construção de um personagem, e da hábil descrição dos cenários, a mídia gerou uma maneira alternativa de escrever que surge com uma alternativa viável para substituir textos argumentativos que, menos sedutores, mais repudiam do que atraem o leitor.

Considerações Finais

O presente trabalho versou a respeito da imagem do ato de escrever gerada pela mídia escrita. Tendo, portanto, as formações imaginárias como objeto de análise, duas questões nortearam o trabalho exploratório. A primeira relacionava-se à representação de escrever que norteia o trabalho do jornalista, tendo relação, portanto, com a seguinte pergunta: *Como devo escrever para convencer o leitor de que meu texto é válido enquanto tal?* A segunda, por sua vez, relacionava-se aos parâmetros gerados pela representação de escrever do jornalista em seu leitor, correspondendo à seguinte questão: *Como ele escreve para me convencer de que seu fornecer texto é válido enquanto tal?*

No raciocínio que vimos desenvolvendo ao longo do artigo, existe um sutil jogo das cadeiras entre IB(E) e IA(E). Se, por um lado, as representações de escrever que regem o trabalho do jornalista geram representações do que é um bom texto por parte do leitor, o inverso também é verdadeiro: a imagem do que é um bom texto para se ler também determina (ao menos parcialmente) o fazer do jornalista e lhe impõe padrões de escrita que talvez não estivessem presentes no início de seu trabalho.

Nesta direção, fica aqui registrado o interesse que poderia ter, para todos que se interessam pelas questões relacionadas com a escrita e seu ensino, um estudo diacrônico a respeito das transformações que a representação de escrever sofreu ao longo do tempo. Ressaltamos que a mediação pela imagem é radicalmente diferente da mediação pelo significante. A primeira apresenta blocos imagéticos que fascinam pelas representações que evocam, pelas ancoragens que encontram na cultura. A segunda tem a articulação significativa como sua matéria prima e, conseqüentemente, está submetida às regras da lógica textual e argumentativa. (LACAN, 1961-62)

Ressaltamos ainda que, ao analisar o *corpus* selecionado para fundamentar a pesquisa, fomos levadas a considerar a prevalência de um modo de escrever que é fundado prioritariamente na mediação pela imagem em detrimento da insistência na articulação significativa. Como esta passagem se deu? Posto isso, sintetizamos, no que se segue, o que pudemos sistematizar a respeito das

Referências Bibliográficas

CASTILHO, Ataliba Teixeira (1995). A língua falada e sua construção. In: MEGALE, HEITOR (org). *Segismundo Spina: Língua, Filologia e Literatura*. São Paulo: Iluminuras/EDUSP, p. 85-116.

FOUCAULT, Michel (1995). *Arqueologia do saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 4 ed.

GERALDI, João Wanderley (1995). *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes.

GRICE, Paul (1975). Logic and conversation. In: COLES, P. & MORGAN, J.L. (eds). *Syntax and Semantic III: Speech Acts*. New York: Academic Press, p. 41-58.

JAKOBSON, Roman (1963). *Essais de linguistique générale*. Paris : Éditions de Minuit.

LACAN, Jacques (1961-62). *Le Seminaire*. Livre XIX. L'identification. Edição não comercializável de l'AFL. 1996.

OSAKABE, Haquira (2002). *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes.

PÊCHEUX, Michel (1990). Análise automática do discurso (AAD-69). GADET, F. & HAK, T. (orgs). In: *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 61-161.

JORNAL Folha Online. www.folha.uol.com.br. Acessado nos meses de março, abril e maio de 2007.